

## APRESENTAÇÃO

Organizar esta edição com trabalhos de jovens pesquisadores da Universidade Presbiteriana Mackenzie e de outras instituições de ensino superior que desenvolvem um percurso sério e produtivo em suas áreas de atuação foi uma experiência muito prazerosa e enriquecedora.

Nesta coletânea reunimos artigos que discutem a relação entre textos de igual suporte, especialmente sobre a questão da autotextualidade, e, com maior ênfase, textos que examinam a relação intermediática. Nestes últimos, o foco de estudo se centrou ora na análise de um produto sincrético, composto intrinsecamente por mídias diferentes (o filme, não enquanto objeto criado a partir de um texto-fonte), ora no exame de obras que resultam do processo de transposição de uma mídia para outra (como a adaptação cinematográfica), ora na investigação de textos que referenciam ou se apropriam de qualidades de outra mídia (como no caso em que um romance faça alusão ou se valha de mecanismos que evoquem técnicas de outras mídias), ora, ainda, em outras manifestações do fenômeno intermidial. Destas muitas interfaces da Intermidialidade surgiram trabalhos instigantes que, com certeza, irão despertar o interesse do leitor em conhecer os diferentes olhares sobre os *corpora* eleitos e o variado referencial teórico que fundamentou esses estudos.

Do conjunto aqui reunido, temos oito artigos que tratam das relações intermediáticas em diferentes manifestações e dois outros trabalhos, que examinam autores e a relação de autotextualidade em suas obras.

No âmbito da Intermidialidade, particularmente no da referência intermediática, Yara Augusto, no estudo “A picturalidade do livro *Conhecimento do inferno*, de António Lobo Antunes”, analisa o romance do escritor português, explorando a diálogo que essa obra estabelece entre o motivo da viagem, quer pelo mundo exterior (o retorno à casa paterna), quer pelo interior (memória de vivências na guerra em África), com o visual (as paisagens de várias ordens) e as artes visuais, especialmente a pintura. A pesquisadora mostra-nos, mediante um exame agudo do texto, que a inscrição do pictórico na trama, configurado em diferentes níveis de saturação de picturalidade, abranda o conflito existencial do protagonista e oferece um profícuo material estético à prosa.

A retórica da persuasão no vídeo publicitário comparece como tema de estudo de Ester Anholetto Piroló, no artigo “Vídeo publicitário: a persuasão no diálogo entre linguagens”. Em face desse objeto sincrético, em um exame alentado do *corpus*, apoiado em teóricos da publicidade, a estudiosa investiga de que modo o criador trabalha com as propriedades verbo-audio-performático-visuais para atuar como estratégias para persuadir o consumidor.

A presença das relações intermediáticas nas obras da Literatura Infantil é contemplada no estudo de Fernanda Isabel Bitazi e no de Nefatalin Gonçalves Neto e Lilian Barbosa. Os dois últimos autores discutem a relevância que, cada vez mais, a conjugação da imagem com o texto verbal tem assumido desde os anos 70 do século XX até as produções atuais, refletindo sobre o modo como esse novo objeto explora os valores estéticos construídos no processo de combinação de mídias. Para aclarar esse posicionamento crítico, os articulistas analisam com muita sensibilidade as obras *A maior flor do mundo* e *O silêncio da água*, de José Saramago, e mostram que nelas a fusão do discurso visual e do tátil com o discurso verbal, assim como sugestões a outras linguagens (auditiva, olfativa, a do paladar), exige um leitor mais interativo no processo de interpretação.

Fernanda Isabel Bitazi, de sua parte, em “A transposição da iniciação de João e Maria para o livro-imagem”, sonda com acuidade as relações entre o texto imagético, de Taisa Borges, e o intertexto dos irmãos Grimm. A pesquisadora investiga como essas linguagens trabalham com o ritual de iniciação das personagens, apoiada em Mircea Eliade e Joseph Campbell para o estudo do caráter mítico desse ritual e em Wassily Kandinsky e Donis Dondis para o apoio teórico sobre os elementos da imagem (cromatismo, linhas, formas, disposição dos volumes no espaço, sugestões de movimento, enquadramento etc.), todos concebidos segundo a estética expressionista.

O estudo da adaptação do romance para o cinema está presente em quatro artigos. Em “A cela de Próspero: (tempo e) espaço em *A tempestade* de Jarman e *A última tempestade* de Greenaway”, Miriam de Paiva Vieira, embasada nas categorias da Intermedialidade propostas por Irina O. Rajeswky, examina, em uma perspectiva no mínimo instigante, as relações entre as adaptações cinematográficas *A tempestade* e *A última tempestade*, dirigidas por Derek Jarman e Peter Greenaway, respectivamente, da peça *A tempestade*, de Shakespeare, focalizando especialmente a questão do espaço arquitetônico representado pela cela do mago Próspero.

Partindo dos fundamentos do Círculo de Bakhtin, segundo os quais a linguagem “reflete e refrata a realidade”, Fernanda Verdasca Botton, em “Capitães de quê? Os meninos de Jorge Amado na literatura e no cinema”, discute o processo de semiotização inscrito no romance *Capitães de areia* e na narrativa cinematográfica homônima, de Cecília Amado. Nesse cotejo penetrante, a autora analisa especialmente como o contexto de produção se inscreve em cada uma das obras e que quadros axiológicos esses objetos intersemióticos manifestam.

Quando se fala em gênero animação, não se pode considerar o filme um artefato construído por um criador, como é o caso de um romance, por exemplo. Este é o tema escolhido por Karen Stephanie Melo no interessante estudo sobre a transposição intersemiótica do texto teatral *Peter Pan and Wendy* (1911), de James Matthew Barrie, para a animação realizada pelos estúdios de Walt Disney em 1950. Não apenas o diretor, mas também os animadores da narrativa cinematográfica ganham relevo na construção do caráter, do humor das personagens que apresentam outro perfil para o novo artefato.

O estudo da adaptação do romance para o cinema também comparece em “A grande viagem de Humbert e Lolita no romance de Nabokov e nos filmes de Stanley Kubrick e Adrian Lyne: o mesmo destino, travessias diferentes”, de Fernanda Cristina Araújo Batista, que privilegia examinar detidamente um trecho do livro de Vladimir Nabokov, *Lolita* (1955), e duas releituras do mesmo fragmento da obra: uma realizada por Stanley Kubrick (1962) e outra por Adrian Lyne (1997). Do exame dos textos, a articulista estuda as diferenças de tratamento temático que o romance e as narrativas cinematográficas apresentam ao leitor/espectador, em virtude dos respectivos contextos de produção e de circulação das obras.

Os trabalhos seguintes elegem investigar a questão da autotextualidade. Mariângela Alonso, em “Da receita ao romance: a barata no imaginário clariceano”, a partir de uma perspectiva genética, com agudeza, investiga crônicas publicadas em jornais que serviram de base para a criação de romances, de temas ou de imagens muito recorrentes na ficção de Clarice Lispector. Examinando os procedimentos intratextuais do conto “A quinta história”, defende que ele se forja como um jogo de espelhos, ao retomar um argumento temático presente no texto jornalístico – o assassinato de baratas – e repeti-lo com variações em outros romances, assim como também nas cinco histórias que compõem o conto em análise, construindo, assim, uma arquitetura circular e *en abyme*.

A obra e a figura de Pasolini são revistados por Francisco Vítor Macedo Pereira em seu artigo “*La religione del mio tempo*, de Pier Paolo Pasolini. Ou de como, não a religião, mas a democracia e o capitalismo (após dois mil anos) puderam destruir o homem italiano”. O pesquisador inicialmente analisa a polêmica produção do escritor e cineasta no seu tempo, o seu posicionamento político, social e artístico diante da sociedade capitalista italiana, e, em seguida, analisa como os valores da burguesia itálica são canalizados na sua arte como um todo, e, em especial, em seu livro de poesia *La religione del mio tempo*, foco desse vigoroso trabalho.

Em resumo, o leitor encontrará nesta edição um amplo espectro de estudos que compreendem a linguagem como entrecruzamento de textos, privilegiadamente entre mídias, e que investigam como se constitui a tessitura desses discursos.

Boa leitura!

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aurora Gedra Ruiz Alvarez

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lílian Lpondo